

Amar é inadiável



Socorro Aciofi

Amar é
inadiável

Socorro
Aciofi



Copyright © Socorro Acioli, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Todos os direitos reservados.

Preparação: Ligia Alves e Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Luana Negraes e Valquíria Matioli
Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira
Capa: Sandra Fava
Ilustração de capa: Fernanda Rodrigues

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Acioli, Socorro

Amar é inadiável / Socorro Acioli. -- São Paulo :
Planeta do Brasil, 2026.
224 p.

ISBN 978-85-422-4314-7

1. Crônicas brasileiras I. Título

26-1722

CDD B869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas brasileiras



Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

**Acreditamos
nos livros**

Este livro foi composto em Plantin MT e
impresso pela Gráfica Santa Marta para a Editora
Planeta do Brasil em junho de 2026.

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Av. Paulista, 854, 2ª andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

Apresentação	11
Crônica em forma de ponte	15
Amar é inadiável	18
A profissão do escritor, em sete gotas	21
Como escrever uma declaração de amor	24
Para beber da água escrita	28
Carta para quem tem medo	31
Livros invisíveis pelo céu	34
Na noite escura da alma você veio por mim	37
Inventar pessoas	40
A leveza	43
A propósito de estrelas	46
Coragem!	49
O escritor é um leitor que transborda	53
O Deus das coincidências	56

Travessa da espera	59
Os astros escrevem poemas	62
Azul-Brasília	65
Sete minutos	68
Sobre os felizes	71
De onde nascem as ideias	74
Ao Mestre Júlio, uma carta plena de mar	77
Imaginar antes de pensar	80
A hora certa	83
Santa fé de Bogotá	86
Qual é a sua história?	89
O nome é o carimbo da sina	92
Ary Bezerra Leite, o guardião do tempo	95
O cartão de Marie Curie	98
Decálogo do narrador	101
Devoção	104
Extremoso Perpétuo	107
Nosso signo inclemente	110
Ler liberta	113
Motivos para narrar	116
As cinco lições de Lygia Fagundes Telles	120
A ourivesaria dos livros pequenos	123
Saudade	126
O lugar inventado	128
A Mulher da Cola	131
O maior João do mundo	134
Observe o aquário	137
Caçar histórias	140
Sabedoria ao envelhecer	143

Todos os tempos de Marina	146
Carta a uma amiga triste	149
Caramelo José, uma biografia	152
Aluada	156
Bazar da coisa azul	159
Encômio	162
O corvo e a andorinha	166
A fotografia que nunca terei	169
O que a morte nos ensina sobre a vida	173
Você precisa viver mais	176
Dedicatória	180
Carta para Beatriz	183
Nascer é festa	186
A respiração das coisas	190
Tão frágil como um segundo	194
Quase cangaceira	198
Escrever os sonhos	201
Movimento de Recuperação Poética do Mundo	204
Só o amor nos permite enxergar	207
Se uma máquina pudesse captar seus pensamentos, o que ela mostraria?	210
Vestido branco	214
Sobre a alegria de estar vivo	217
O lugar da leitura em tempos de pressa	220

Crônica em forma de ponte

Costumo agradecer, em silêncio, quando escuto uma música bonita. Digo obrigada pelo dom, pelo tempo que o autor dedicou a aprender um instrumento, pelo caminho de cada palavra antes de ser verso e por deixar, naquela canção, um pedaço da alma.

Nos últimos meses, por exemplo, todos os meus agradecimentos têm sido dedicados a Gilberto Gil e sua produção dos anos 1970 e 1980. Há uma ponte invisível entre o momento em que essas músicas foram criadas e a hora exata em que as escuto, surtindo o efeito de me sentir mais feliz e mais forte.

Ouvir música e louvar todo o processo de criação musical me faz pensar no meu trabalho.

Comecei a publicar livros em 2001, mas desde 2006 sou escritora profissional. Vivo do ofício de escrever e de seus desdobramentos – palestras e cursos. Vivo da palavra.

Tudo o que vivencio, de uma forma ou de outra, deságua no meu trabalho com muita força. Desde minhas leituras até as conversas com amigos. Viagens, pessoas que conheço, filmes, sonhos, sentimentos bons e ruins, tudo é material de trabalho, mesmo quando não me dou conta disso.

Já escrevi para declarar amor a pessoas e lugares. Já criei personagens como vingança, secreta e silenciosa. Músicas, filmes e peças de teatro já me levaram ao arrebatamento do desejo de criar. Cozinhar me inspira. Pessoas me inspiram. Pensando friamente, é como se eu trabalhasse vinte e quatro horas por dia. Das coisas que eu vejo e vivencio, muitas podem virar literatura. E a literatura é minha profissão.

Da matéria vivida ao texto pronto, existe um trabalho técnico; a vida não vai pura e simples para o papel. Não se trata de uma mera transposição, como um diário. Há um trabalho de ourives que exige preparo e estudo para que essa força de vida se transforme em algo que comunique e que seja honesto, a ponto de criar uma ponte invisível entre autor e leitor. Da mesma

matéria daquela ponte que liga as músicas que Gilberto Gil compôs nos anos 1970 à minha alma de hoje.

Escrevo para o outro em um ato de doação. Do meu tempo e esforço, mas, sobretudo, da minha própria vida. Escrever não faria o menor sentido se fosse pensado como uma atividade que satisfaz apenas quem escreve. Ao ministrar aulas de Escrita Criativa, costumo explicar que a profissão do escritor é como a do engenheiro, médico, porteiro, sapateiro, cozinheiro, arquiteto e vendedor de milho assado: alguém que trabalha para o outro.

Eu escrevo para quem me lê, ciente de que estou diante de um grande enigma: nunca saberei, exatamente, quem são todos os meus leitores e até onde o texto vai chegar. Cada um carrega consigo seus instrumentos de interpretação e uma forma própria de compreender o que está escrito. Escrevo às cegas, sem fazer a menor ideia do efeito. É um ato de doação e, sobretudo, de coragem.

Amar é inadiável

Quando preciso encarar a morte, quase sempre sinto a necessidade imediata de escrever uma carta para quem partiu. Talvez seja inútil, mas é urgente. É a esperança de conseguir vencer o doloroso silêncio que a morte impõe. Cada palavra dessa carta póstuma deveria ter sido dita aos poucos ao longo da vida. Ficaram para depois, mas a morte não respeita o depois de ninguém.

Perder alguém é entregar o amor ao silêncio. Amaremos sem trocas de palavras a partir dali. Isso é o que mais me dói hoje. Perdi uma amiga e ainda tinha tanto o que dizer. Eu sempre gostei tanto dela! Sempre foi uma companhia tão feliz. Enquanto ela estava aqui perto, ao alcance, o tempo não parecia ter qualquer limite,

haveria sempre o amanhã. Pensei nela semana passada. Pensei em telefonar, contar novidades, saber da vida, conversar com a tranquilidade e a alegria de sempre. Deixei para outro dia e isso foi um erro. O tempo é uma dádiva finita.

“No dia seguinte ninguém morreu” é a primeira frase do meu livro preferido de José Saramago, *As intermitências da morte*. Lembro que passei muitos dias pensando no que li. O livro fala de um lugar onde, por um tempo, ninguém morre. E a vida começa a ficar confusa. O narrador ensina o quanto a morte é necessária ao andar da carruagem, interrompendo o sofrimento dos doentes, idosos, desenganados.

Quando é assim, a vida já entrega a dor e o consolo, o remédio e o copo de água. Morreu, sim, porque descansou. Porque encerrou seu tempo e não havia mais o que ser feito. Porque Deus foi justo e lhe deu uma vida longa – e toda vida tem fim. Estaremos saudosos e consolados, conformados. Isso tudo faz sentido.

Mas a morte que me dói hoje não é dessa categoria. É daquelas que moram no estúpido e dilacerador minuto de um acidente fatal. Estava aqui, não está mais. Partiu alguém que vivia tanto e que tinha tanto por viver.

Essa carta que eu preciso escrever para ela não é um lamento – isso não combinaria, porque ela nunca foi de lamentar. Eu falaria muito mais

de força e alegria, pois foi isso o que ela mais ensinou nos últimos anos, quando teve que encarar a morte de perto duas vezes seguidas. Guardou a dor no bolso e tocou a vida para a frente. Perto do verde, na beira do mar.

Talvez o melhor tom para essa carta fosse o da leveza de lembrar as fatias de vida que compartilhamos. Os anos de adolescência, os amigos em comum. Ou das alegrias mais recentes, das graças e dos desafios de ver os filhos crescendo, de como vemos a vida deles fluir perto de nós. Era sobre isso que costumávamos falar, tomando café, rindo da vida. Eu terminaria a carta dizendo que em todas as imagens que guardo na memória ela está sorrindo. Porque assim é e sempre será.

Pensando bem, nada me garante que escrever uma carta para alguém que morreu seja mesmo um esforço inútil. Não posso sequer supor por onde as palavras caminham. Logo eu, que acredito tanto no poder místico da palavra. A morte nos dá o bônus de ser misteriosa o suficiente para que possamos acreditar que ela também tem uma face de milagre. E o meu milagre de hoje é constatar que, enquanto eu planejo e rabisco no coração uma carta para Tatiana, minha querida amiga Tati, percebo que foi ela quem me deixou um recado: o amor é inadiável. O amor é simples, bonito e urgente. Obrigada, Tatinha.



As melhores crônicas de uma das principais vozes da literatura contemporânea brasileira reunidas em livro

“Socorro transforma seu coração infinito em textos que trazem as bordas dos fenômenos mais cotidianos para conversar conosco. Não é só a palavra que recebe sua artesanaria, mas tudo o que ainda pode ser nomeado por ela. A romancista inigualável se transforma aqui na cronista que toma a parte que ficou esquecida de uma cena, conferindo-lhe o palco do reconhecimento. A tinta que colore qualquer texto de Socorro Acioli se chama amor. E ela fala dele com a calma necessária para transformar a urgência em escuta inadiável.”

— ALEXANDRE COIMBRA

“Nas suas crônicas, Socorro compartilha muito mais que seus segredos para inventar pessoas: compartilha conosco seu olhar mágico sobre uma vida que ainda é simples e poética.”

— ZECA CAMARGO

“Uma generosa reflexão sobre palmilhar uma ideia, encontrar a palavra, expandir seus sentidos, inventar pessoas e encontros, imaginar – e, em um mesmo ato, escrever e ler. Socorro Acioli nos oferece uma conversa serena, um dedo de prosa e poesia para quem quer fazer da palavra um lugar de viver.”

— CARLA MADEIRA

“Socorro Acioli domina, como poucos, a arte de capturar a paixão de cada novo dia e deitá-la com suavidade na página, ainda quente e pulsante.”

— WALTER PORTO

“Gosto muito da Socorro Acioli porque ela não dá trabalho aos leitores. A gente lê seus romances como quem bebe água, uma jarra inteira. Agora ela comemora 25 anos de carreira e nos oferta mais de 60 crônicas cristalinas. Ainda literatura de primeira, mas em pequenos goles. Abra este livro com sede.”

— MARTHA MEDEIROS

 Planeta



9 788542 243147